

## **Memória histórica na toponímia das lutas sociais da história recente latino-americana**

SEBASTIÃO LEAL FERREIRA VARGAS NETTO\*

A história está por toda parte no discurso zapatista e a memória é uma de suas palavras essenciais. Tão importante é esta preocupação que, seguindo vários comunicados emitidos pelo Comando Geral do Exército Zapatista de Libertação Nacional, os insurgentes definem o levantamento zapatista como uma “rebelião da história”: “A guerra iniciada no primeiro de janeiro de 1994 foi e é uma guerra para fazer-nos escutar, uma guerra pela palavra, uma guerra contra o esquecimento, uma guerra pela memória. Uma rebelião da história”. (EZLN, 1995:222)

Frente à “desmemória” que contribui com sua opressão e marginalização, os rebeldes reivindicam a arma da memória, e com ela buscam recuperar um espaço legítimo na consciência da nação. O levante de primeiro de janeiro de 1994, tinha um objetivo militar e outro simbólico: “A última noite do ano de 1993, saímos daqui, das montanhas tzotziles do sudeste mexicano para tomar a cidade de San Cristóbal e tomar nosso lugar na história do México” (EZLN, 1995:313). Para os zapatistas, a história é uma ponte entre passado e futuro, não repetição do passado, mas necessidade frente ao “presente perpétuo” imposto pelo neoliberalismo.

Um elemento de forte convergência entre zapatistas e sem-terra brasileiros é a utilização da história e da memória coletiva nos seus vários níveis e intensidades. Ambas as organizações possuem um zelo pela conservação da memória histórica que é facilmente entendido a partir de falas como a do subcomandante Marcos, na mensagem do EZLN enviada aos participantes do *II Encontro Americano pela Humanidade e Contra o Neoliberalismo*, realizado em Belém do Pará no ano de 1999:

---

\* Professor Doutor de História da América na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

*A memória histórica é desprezada pelos valores neoliberais não só porque não pode ser comprada ou vendida, mas também porque é subversiva e faz demasiadas perguntas que vão de encontro a um sistema injusto. Para os que empurram o rodar do mundo, a memória histórica é uma arma, força, escudo, espada, lança, flecha, capacete, bota e punho de guerra.* (PREFEITURA MUNICIPAL DE BELÉM, 2002:327)

A história constitui no México um referente obrigatório do discurso político e uma linguagem bem mais acessível à população do que no Brasil. Naquele país, as confrontações políticas se dão através de interpretações históricas opostas. O conjunto de interesses nacionais é muito menos apoiado em valores abstratos do que no passado histórico, inventado, imaginado e reconstruído. Nas declarações do EZLN, o recurso da história é insistente. Mediante sua revisão, estabelece a filiação com movimentos e personagens do passado. Um princípio de identidade e de diferença/antagonismo conservado durante quinhentos anos pode ser encontrado na *Primeira Declaração da Selva Lacandona*, comunicado de apresentação do EZLN, em primeiro de janeiro de 1994:

*Somos produto de 500 anos de luta: primeiro contra a escravidão, na guerra de Independência contra a Espanha encabeçada pelos insurgentes; depois para evitar sermos absorvidos pelo expansionismo norte-americano; em seguida, para promulgar nossa Constituição e expulsar o Império Francês de nosso solo; depois, a ditadura porfirista nos negou a aplicação justa das leis de reforma e o povo se rebelou criando seus próprios líderes; assim surgiram Villa e Zapata, homens pobres como nós.* (DI FELICE, 1998:39)

A mesma continuidade histórica pode ser observada com relação aos opressores:

*São os mesmos que se opuseram a Hidalgo e Morelos, os que traíram Vicente Guerrero, são os mesmos que venderam mais da metade de nosso solo ao invasor estrangeiro, são os mesmos que trouxeram um príncipe europeu para nos governar, são os mesmos que formaram a ditadura dos científicos porfiristas, são os mesmos que se opuseram à expropriação petroleira, são os mesmos que massacraram os trabalhadores ferroviários em 1958 e os estudantes em 1968, são os mesmos que hoje nos tiram tudo, absolutamente tudo.* (DI FELICE, 1998:40)

Nas publicações internas do MST existem vários textos semelhantes quanto à recuperação da história. Como diz um dirigente do MST numa entrevista:

*É uma questão de verdade histórica. A luta pela terra existe neste país desde que os portugueses aqui chegaram em 1500. Como não reconhecer a herança que nos legaram os mártires de 500 anos de lutas? Não inventamos nada. A burguesia de hoje também não foi inventada, é resultado de 500 anos de exploração do povo brasileiro. Os que vieram antes cometeram erros e acertos. Procuramos aprender com eles, para não cometer os mesmos erros e repetir os acertos.* (STÉDILE, 1999:57)

Vamos examinar qual é a concepção e que tipo de “utilizações” os movimentos populares fazem da “história”. A palavra *história*, tanto na língua portuguesa quanto na espanhola, é uma palavra de duplo sentido. Tem, por uma parte, a aceção do objeto de estudo sobre o qual se realiza uma investigação: a sucessão dos tempos e suas transformações, os fatos antigos, o mundo passado; e por outro lado, com o mesmo termo se designa a reflexão, o estudo, o conhecimento ou a ciência que aborda tais fenômenos.

Concordamos com a afirmação do historiador Edward H. Carr de que a história e a filosofia da história não se ocupam do “passado em si” nem “da opinião que deste passado em si forma o historiador”, mas sim de “ambas as coisas relacionadas entre si” (CARR, 1989:29). Se analisarmos a constituição da consciência histórica, na visão desses movimentos populares, encontraremos os seguintes elementos norteadores que justificam a seriedade e a importância conferida por eles ao estudo e discussão da história:

- a) A noção de que todo o presente tem sua origem no passado;
- b) A certeza de que as sociedades não são estáticas, e sim mutáveis, ou seja, mudam e se transformam constantemente. Essas transformações são resultados de mecanismos intrínsecos à própria sociedade, mas também da vontade e da ação consciente dos indivíduos;

- c) A noção de que, nessa transformação, os processos passados constituem as condições do presente;
- d) A convicção de que cada indivíduo, como parte integrante da sociedade, faz parte do processo de transformação e, portanto, o passado o constitui e faz com que seu ser social seja como é;
- e) A percepção de que o presente é o passado do futuro, que nós nos encontramos imersos em todo este processo e, portanto, somos responsáveis pela construção desse futuro;
- f) Finalmente, a certeza de que formamos parte do movimento histórico e podemos, se quisermos, tomar posição a respeito deste, ou seja, podemos participar, de maneira consciente, na transformação da sociedade.

Talvez a maior característica desta “consciência histórica militante”, impulsionada por movimentos sociais, seja a de que o presente não necessita do passado, senão em relação ao futuro. Não se trata simplesmente de conhecer o passado, para compreender o presente e ficar por aí. Trata-se de aplicar à história a famosa tese número XI, de Karl Marx, sobre Feuerbach: é necessário transformar o mundo. Tanto zapatistas quanto sem-terra brasileiros acreditam que o estudo da história pode e deve contribuir para esta transformação.

Não é somente em textos, cursos ou palestras que a preocupação em difundir uma “consciência histórica rebelde” e de conectar as lutas do passado ao presente dos movimentos sociais aparece. Os trabalhadores sem-terra escolheram para diversos acampamentos, assentamentos, agrovilas, ruas e escolas no país inteiro, nomes que remetem às lutas históricas ou personagens dessas lutas, incluindo lutadores e “mártires” do próprio movimento. Para citarmos apenas alguns exemplos a que o autor teve acesso: assentamentos Antônio Conselheiro, Che Guevara, Carlos Lamarca e os acampamentos Nova Canudos, Chico Mendes, Irmã Alberta e Camilo Torres, no estado de São Paulo; e as escolas Grito do Sepé Tiaraju, no estado do Rio Grande do Sul e Antonio Conselheiro, no sertão baiano.

Alfredo Bosi aponta dois significados para o radical “*cultus*” de onde deriva o termo cultura: “Cultus (1): o que foi trabalhado sobre a terra; cultivado; Cultus (2): o que se trabalha sob a terra; o culto; enterro dos mortos; ritual feito em honra dos antepassados” (BOSI, 1992:13-14). *Cultus* seria então sinal de que a sociedade que produziu o seu alimento já tem memória. No caso do MST, a memória aparece imbuída de uma mística poderosa. “Viajam com o tempo as nossas esperanças, os sonhos e todas as utopias. Quem deixa de sonhar só por um dia, pode perder o ritmo da história; o que fazemos fica na memória, escrito pela mão da rebeldia”, escreveu um poeta anônimo do Movimento Sem Terra (MST, 2001:32). No Brasil, um dos inúmeros gritos de luta que reforçam o sentimento de que honrar o passado dá força diz: “mataram o Che, mas não mataram o fruto, o MST vai crescendo por minuto”. No caso do MST, essa referência e homenagem à história, da qual faz parte com orgulho, não se encontra somente nos livros, cadernos e lousas. Mas também no próprio chão em que vivem. É comum escolher, para acampamentos e assentamentos, nome de lutadores e episódios da história brasileira e latino-americana. Os sem-terra literalmente “habitam a história”.

Para ilustrarmos um pouco desta “toponímia rebelde” preparamos uma tabela de acampamentos organizados pelo MST espalhados pelo país que trazem o nome de históricos lutadores sociais:

<i>ACAMPAMENTO</i>	<i>MUNICÍPIO</i>	<i>Nº de famílias</i>
Ailton Vigira	Novo Horizonte do Sul (MS)	150
Antônio Conselheiro	Lapa (PR)	110
Antônio Conselheiro	Jorge Teixeira (RO)	180
Antônio Conselheiro II	Aracoiaba (CE)	40
Antônio Tavares	Eldorado (MS)	145
Antônio Tavares	(MT)	214
Betinho	Alta Flores (RO)	35
Camilo Torres / Dom Pedro Casaldáliga	Pirapora do Bom Jesus (SP)	200
Cardoso – Paulo Freire	Landaira (RN)	150

<i>ACAMPAMENTO</i>	<i>MUNICÍPIO</i>	<i>Nº de famílias</i>
Carlos Marighela	Buritirana (MA)	60
Carlos Marighela	Nossa Senhora da Glória (SE)	64
Cecília Nunes	(MT)	110
Che Guevara	Nova Crichas (GO)	850
Che Guevara	São João do Paraíso (MA)	64
Che Guevara	Alto Alegre dos Parecis (RO)	120
Che Guevara / Bom Viver	Poço Redondo (SE)	37
Chico Mendes	Niquelândia (GO)	60
Chico Mendes – Mandacaru	Lagoa do Padre (RN)	200
Chico Mendes (Contador)	Lagarto (SE)	123
Dandara	Arapiraca (AL)	300
Dandara	Iramaia (BA)	60
Dandara	(RJ)	60
Dandara	Macairta (RN)	60
Dandara (Escuta)	Riachuelo (SE)	50
Darcy Ribeiro	Frainurgo (SC)	35
Darcy Ribeiro	Itaporanga Dajuda (SE)	77
Don Elder	Itaporanga Dajuda (SE)	23
Don Hélder (Santana)	Estância (SE)	29
Dona Creusa	Amarante (MA)	137
Elizabeth Teixeira	Belém (PA)	126
Emerson Rodrigues	Anastácio (MS)	140
Emiliano Zapata	Uberlândia (MG)	80
Florestan Fernandes	Mucuri (BA)	250
Florestan Fernandes	Guaçuí (ES)	92
Florestan Fernandes	São Cristóvão (SE)	55
Florestan Fernandes	Canindé de São Francisco (SE)	31
Francisco Rosa	Anastácio (SE)	27
Índio Galdino	Curitibanos (SC)	70

<i>ACAMPAMENTO</i>	<i>MUNICÍPIO</i>	<i>Nº de famílias</i>
Ivo Cruz	Irituia (PA)	85
Jacobina	Belo Monte (AL)	70
João do Vale	Nossa Senhora da Glória (SE)	30
Joaquim das Neves II	Itaquiraí (MS)	43
Madre Cristina	Ariquemes (RO)	35
Maria Bonita (Maralinas)	Poço Redondo (SE)	43
Mario Lago	Lebon Regis (SC)	100
Nelson Mandela	Poço Redondo (SE)	30
Oziel	Casajeiras (PI)	90
Oziel Alves	Uruana (DF)	50
Oziel Alves	(RJ)	180
Oziel Alves	Lagarto (SE)	109
Oziel Alves II	Planaltina (DF)	180
Oziel I	Vargem Bonita (SC)	35
Oziel II	Fraiburgo (SC)	25
Oziel Pereira	(MT)	400
Padre Gino	Frei Inocência (MG)	600
Padre Josimo	Buritirana (MA)	155
Paulo Freire	São Pedro dos Crentes (MA)	62
Paulo Freire	Brasilândia (RO)	302
Paulo Freire	Lagarto (SE)	60
Paulo Jackson	Coaraci (BA)	30
Quintino Lira	Irituia (PA)	206
Raimundo Lopes	Nossa Senhora da Glória (SE)	25
Ranildo	Rio Brilhante (MS)	180
Roseli Nunes	Quixeramobim (CE)	120
Roseli Nunes	Santa Quitéria (CE)	70
Roseli Nunes	Pequi (MG)	60
Roseli Nunes	Castanhal (PA)	120
Sepé Tiaraju	Passos Maia (SC)	65

<i>ACAMPAMENTO</i>	<i>MUNICÍPIO</i>	<i>Nº de famílias</i>
Sétimo Garibaldi	Terra Rica (PR)	70
Sílvia Rodrigues	(MT)	550
Teixeirinha	Rio Verde (MS)	48
Tião Preto	Espigão do Oeste (RO)	65
Tiradentes	Campo do Meio (MG)	80
Valdecir Padilha	Itaquiraí (MS)	250
Valdemir Ferreira	Nossa Senhora da Glória (SE)	120
Zapata	Graibas (AL)	600
Zumbi dos Palmares I	Própria (SE)	200

Com esta lista podemos vislumbrar um pouco da “mitologia política” do movimento. Vemos que muitos acampamentos levam o nome de militantes do MST assassinados e que agora se tornaram “mártires” da luta pela terra, como Oziel Alves, morto no massacre de Eldorado dos Carajás (PA) em setembro de 1995 e Roseli Nunes, líder sem-terra que participou da ocupação da fazenda Anoni, no estado do Rio Grande do Sul, em 1985, e que no dia 31 de março de 1987, num trevo da estrada em Sarandi (RS), foi assassinada com mais dois companheiros que participavam de uma manifestação pacífica. As figuras de Zumbi dos Palmares, e mais frequentemente da sua ‘companheira’ Dandara, a do índio Sepé Tirajú, a de Antônio Conselheiro e a do comunista Carlos Marighela são alguns exemplos de personagens de lutas históricas que costumam ser homenageados pelos trabalhadores rurais, assim como os locais onde ocorreram tais lutas como, por exemplo, os acampamentos *Canudos*, em Santa Vitória (MG) e *Herdeiros de Canudos*, em Terezina (PI), *Cabanagem*, em Matões do Norte (MA) e *Palmares*, em Iguai (BA). Entre as referências ‘internacionais’, o nome de Che Guevara é sem dúvida o mais lembrado e querido, mas também Emiliano Zapata está representado, assim como o padre colombiano Camilo Torres.

As listas de nomes de acampamentos (listas que quase sempre serão parciais) nos permitem ter uma noção da diversidade da escolha - geralmente por meio de assembleias - dos nomes que representam a fase mais aguerrida da luta pela conquista

de uma nova vida que é o acampamento. Além das figuras mais consagradas e dos ‘mártires’ do próprio movimento, também encontramos intelectuais e educadores como Florestan Fernandes, Darcy Ribeiro e Paulo Freire; militantes e líderes sociais como Betinho, Chico Mendes e Nelson Mandela; religiosos e agentes pastorais como Dom Hélder Câmara, Irmã Alberta, Dom Pedro Casaldáliga e Padre Jósimo; músicos e artistas como João do Vale e Mário Lago; e personagens históricos como Tiradentes, Garibaldi e Maria Bonita.

Por esta listagem de acampamentos fica claro o esforço sistemático do MST em nomear seus acampamentos com nomes de personagens históricos (Dandara e Sepé Tiaraju), “mártires” do próprio movimento (Laudionor de Souza, Oziel Alves, Margarida Alves, Roseli Nunes, Fusquinha) e até mesmo religiosos vivos que apóiam o movimento (Irmã Alberta, Dom Tomás Balduino e Dom Pedro Casaldáliga). Esse “batismo” também se dá com frases e mensagens de esperança e confiança no sucesso da luta (Terra Sem Males, Pátria Livre, Boa Esperança, Nova Canaã, Terra Prometida ou Vida Nova). Podemos notar também que os outros movimentos que reivindicam a reforma agrária só raramente nomeiam os acampamentos que organizam com referências a episódios e lutadores históricos, como costuma ser a marca do MST.

No caso do movimento zapatista, existem centenas de milhares de indígenas organizados em cerca de trinta Municípios Autônomos Rebeldes Zapatistas (MAREZ) e inúmeras comunidades rebeldes. Cada MAREZ pode ser formado por inúmeras comunidades ou *ejidos*. Quando alguns “municípios autônomos rebeldes” conseguem atingir certo nível de articulação eles podem constituir um “Caracol”, ou seja, uma nova organização inter-comunitária ou inter-municipal que atua como centro político-administrativo para questões de interesse comum às comunidades que o conformam. Os “Caracóis”, explicaram os insurgentes, além de ser espaços de encontro político e cultural (como os anteriores *Aguascalientes*) são:

*Como portas para entrar nas comunidades e para que as comunidades saiam; como janelas para ver-nos dentro e para que vejamos fora; como corneta para levar longe nossa palavra e para escutar aquele que longe está. Mas, sobretudo, para recordamos que devemos velar e estar atentos sobre a luta dos mundos que povoam o mundo (EZLN-CCRI, 2003).*

Os nomes dos Caracóis, também decididos nas assembléias de cada região, definiram-se da seguinte maneira. Note-se que, mais do que referência a eventos históricos, os zapatistas decidem “poetizar” os nomes dos seus Caracóis:

- 1) Caracol de La Realidad: “Mãe dos Caracóis do Mar de Nossos Sonhos”;
- 2) Caracol de Morelia: “Turbilhão de Nossas Palavras”;
- 3) Caracol de La Garrucha: “Resistência Até um Novo Amanhecer”;
- 4) Caracol Roberto Barrios: “Que Fala Para Todos”;
- 5) Caracol de Oventik: “Resistência e Rebeldia pela Humanidade”.

Estes “Caracóis”, referência indígena à capacidade deste animal em se fechar e abrir com muita eficiência, antigos “Aguascalientes” (o termo foi inspirado na cidade homônima do norte mexicano, palco da reunião de todas as facções revolucionárias que constituíram no ano de 1914 o novo governo provisório que, com Zapata e Villa, se instalaria na Cidade do México quase um ano depois), foram constituídos como foros para manter contato e receber a “sociedade civil”. Eles reúnem diversas comunidades zapatistas que também escolheram nomes de personagens da história mexicana para seus *pueblos* como, por exemplo, Emiliano Zapata, Ernesto Che Guevara, Miguel Hidalgo, Vicente Guerrero, Francisco Villa, Ricardo Flores Magón e Lucio Cabañas. Cada Junta de Bom Governo (estas “juntas” representam o núcleo dos governos “civis, paralelos e rebeldes” dos zapatistas) tem um nome, eleito pelos *Conselhos Autônomos* respectivos, como por exemplo:

Junta de Bom Governo Selva Fronteiriça “*Até a Esperança*” dos Municípios Autônomos Rebeldes Zapatistas (MAREZ): “General Emiliano Zapata”, “San Pedro de Michoacán”, “Liberdade dos Povos Maias” e “Terra e Liberdade”.

Junta de Bom Governo Tzots Choj “*Coração de Arco Íris da Esperança*” dos MAREZ: “17 de Novembro”, “Primeiro de Janeiro”, “Ernesto Che Guevara”, “Olga Isabel”, “Lucio Cabañas”, “Miguel Hidalgo” e “Vicente Guerrero”.

Junta de Bom Governo Selva Tzeltal “*Caminho do Futuro*” dos MAREZ: “Francisco Gómez”, “San Manuel”, “Francisco Villa” e “Ricardo Flores Magón”.

Junta de Bom Governo da Zona Norte de Chiapas “*Nova Semente que vai Produzir*” dos MAREZ: “Vicente Guerrero”, “Do Trabalho”, “A Montanha”, “San José em Rebeldia”, “Paz”, “Benito Juarez” e “Francisco Villa”.

Junta de Bom Governo dos Altos de Chiapas “*Coração Cêntrico dos Zapatistas Diante do Mundo*” dos MAREZ: “San Andrés Sacamach’en de los Pobres”, “San Juan de la Libertad”, “San Pedro Polo”, “Santa Catarina”, “Magdalena de la Paz”, “16 de Fevereiro” e “San Juan Apóstolo Cancuc” (RAMÍREZ, 2003:296-297).

A toponímia da reforma agrária impulsionada pelo MST também está repleta de nomes de santos ou que remetam a religiosidade popular como, por exemplo, nos assentamentos do Rio Grande do Sul *Nossa Senhora Aparecida; Santo Antônio; Conquista do Paraíso; Conquista do Povo de Tupã* nos municípios de Candiota e Canguçu (RS) e *São Marcos* em São Borja. Assim como os zapatistas, os sem-terra consideram de bom grado homenagear um santo ou figura religiosa, uma data marcante (assentamento *Primeiro de Maio* em Ronda Alta) e locais ou eventos históricos (assentamento *Farroupilha* no município de Encruzilhada do Sul). Mas ambos também escolhem para o nome de suas comunidades expressões de esperança ou homenagens ao passado de lutas que desperta confiança no futuro, como os assentamentos do MST (todos no Rio Grande do Sul): *Herdeiros da Luta; Perseverantes na Luta; Nova Esperança; Nova Vitória; Nasce uma Esperança; Conquista do Futuro; Libertação Camponesa; Nova Estrela; Nova Batalha; Nova Conquista Mãe de Deus* e *Que Bom Será*. Sem esquecer os tradicionais *Che Guevara; Sepé Tiaraju; Roseli Nunes; Carlos Mariguela* e *Zumbi dos Palmares*. Existe também uma diversificação de figuras homenageadas, como atestam os dos recentes assentamentos *Fidel Castro* e *Leonel Brizola* em Santana do Livramento (RS).

Os antigos acampamentos clandestinos de insurgentes do EZLN tinham por vezes nomes irônicos como *Fogón*, *El Maleficio* e *Agua Fría*, mas também o do onipresente “general-em-chefe” *Emiliano Zapata*. O mesmo se passa com algumas novas comunidades como *Suicídio* e *Susto*. Percebe-se o peso da religiosidade em nomes como *Israel*, *San Juan de la Libertad* ou *Moisés-Gandhi*. As personalidades históricas também costumam serem as mesmas: o libertador *Vicente Guerrero*, o anarquista *Ricardo Flores Magón* e o guerrilheiro *Che Guevara*. Além dos poéticos nomes dos Caracóis e das Juntas de Bom Governo, existem municípios autônomos que remetem a lemas zapatistas como “*Tierra y Libertad*” ou “*Vivir por la patria o morir por la libertad*”.

Zapatistas mexicanos e sem-terra brasileiros consideram essencial o esforço de preservar a memória e estudar a história das lutas que, de certo modo, contribuía para sua própria existência. Como ressaltam os zapatistas: “*recordemos y saludemos a los que, como nosotros, saben que la memoria es vida y que cuidar la vida es cuidar la memoria*” (EZLN, 2003:98). Nesse sentido, a “reescritura” da história consiste na recuperação do passado não-oficial que se tenta apagar dos textos, mas persiste de algum modo na *memória coletiva*, na dignificação dos rebeldes derrotados, mas, sobretudo, ao evidenciar que depois de quinhentos anos “quando começou nossa luta contra a escravidão” a história pode se inverter: o vento de baixo, para utilizarmos uma metáfora cara aos zapatistas, já não responde ao sopro do vento de cima. Essa esperança presente fortemente tanto no EZLN como no MST, de que a dignidade e a rebeldia se convertam em liberdade e felicidade é um dos pontos-chave para se compreender a verdadeira amplitude desses movimentos. Em síntese, trata-se de uma vontade de recuperação da história que, por um lado, indica continuidade e, por outro, ruptura.

#### BIBLIOGRAFIA:

BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

CARR, Edward H. *¿Qué es la historia?* México: Seix Barral/Planeta, 1989.

DI FELICE, Massimo; MUNÓZ, Crustobal (orgs). *A revolução invencível: cartas e comunicados do subcomandante Marcos e Exército Zapatista de Libertação Nacional*. São Paulo: Boitempo Editorial, 1998.

- EZLN: *Documentos y comunicados (vol. 4)*. México: Era, 2003.
- EZLN: *Documentos y comunicados (vol.2.)*. México: Era, 1995.
- EZLN-CCRI: “*La treceava estela parte III*” de julho de 2003, disponível em: <http://www.ezln.org/>
- MST. Agenda do MST. São Paulo: 2001.
- PREFEITURA MUNICIPAL DE BELÉM. *Memória: II Encontro Americano pela Humanidade e Contra o Neoliberalismo*. Belém, Coordenadoria de Relações Internacionais, 2002.
- RAMÍREZ, Gloria Muñoz. *EZLN: 20 y 10, el fuego y la palabra*. México: La Jornada Ediciones, 2003.
- STÉDILE, João Pedro; FERNANDES, B. M. *Brava gente: a trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil*. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 1999.